

Exigência piora posição brasileira

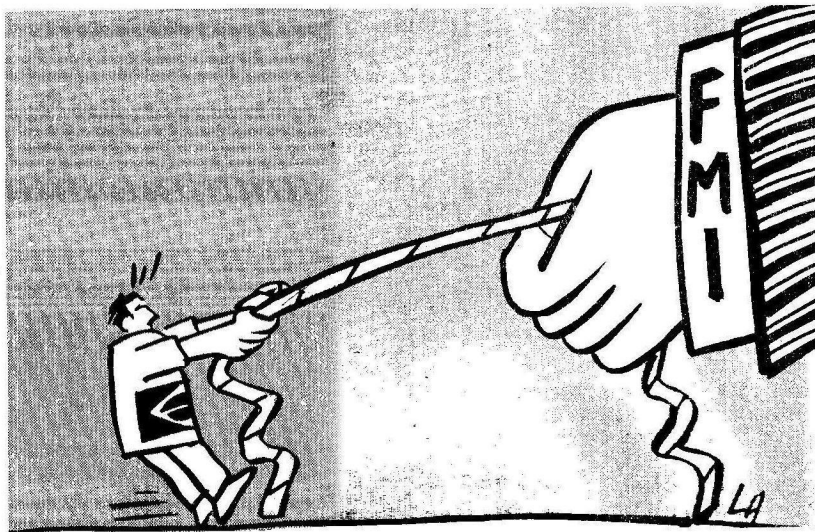
Paulo Sotero
da AE

Sem o apoio oficial dos governos credores e ameaçado pela persistência da alta dos preços do petróleo, o Brasil inicia as negociações com os bancos internacionais, no próximo dia dez numa posição obviamente enfraquecida. Os bancos credores, sobretudo os dos Estados Unidos, não estão, porém, em situação muito melhor. De acordo com um estudo preliminar do First Boston Corporation, a crise do setor imobiliário americano — que já provocou a quebra do sistema de caixas de poupança do país e, na semana passada, levou o Chase Manhattan Bank a anunciar centenas de milhões de dólares em perdas — representa um problema potencial seis vezes maior do que o da dívida externa dos países em desenvolvimento.

Diante desse cenário, um executivo de um grande banco de Nova Iorque, que participou de várias rodadas de negociações da dívida do Brasil e de outros países latino-americanos, da década passada, comparou a situação à “de dois sujeitos que sabem que estão fracos e querem convencer o outro que estão fortes”. Nessas circunstâncias, disse o banqueiro, “não são boas as chances de eles se engajarem numa negociação para valer, porque isso exporia suas vulnerabilidades”.

Aprovação

Este é, contudo, precisamente o cenário que os países ricos estão pedindo ao Brasil e aos bancos para evitar. Os representantes do Grupo dos Dez, que se reuniram com o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, na segunda-feira,



transmitiram uma mensagem clara. Jacques de Larosière, o presidente do Banco da França e secretário do grupo, disse a Eris, em nome dos demais, que uma simples rodada de dois ou três dias de reunião não será suficiente para desbloquear o processo de aprovação do acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI). “As posições não estão assentadas em concreto e existe, neste momento, algum espaço para compromisso. Mas ele passa por um pagamento de juros”, afirmou a Agência Estado uma das pessoas presentes à reunião. “As implicações de qualquer fórmula de negociação de um montante de juros atrasados com o do Brasil são enormes, principalmente nos Estados Unidos. Por isso, é porque qualquer arranjo levará meses para ser concluído, o pagamento de um montante de juros nas próximas semanas, seguido de

algum tipo de indicação sobre pagamentos futuros, é essencial para se criar uma percepção favorável sobre o futuro das negociações”, acrescentou a fonte.

A equipe econômica brasileira, de sua parte, parece ter absorvido a mensagem do Grupo dos Dez. Um assessor próximo da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, disse ontem que as simulações do governo revelam uma capacidade de pagamento. Notou, porém, que esta está reduzindo com a alta dos preços do petróleo.

Zélia encerra hoje sua participação na reunião anual do FMI e do Banco Mundial, fazendo um discurso em nome dos países latino-americanos. Ontem ela aceitou o convite do presidente do Eximbank do Japão, Mitsuhide Yamaguchi, para visitar Tóquio no mês que vem.